

DEPOSITO LEGAL



A NOSSA PUBLICIDADE



Alemanha, França Itália e Inglaterra, «preferem produtos portugueses»

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª da

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários: { JOSÉ DE ARTIMANHA
DR. KNOX

Director artístico e secretário da redacção:
Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará já neste número com o gentil concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral deste concurso

Os prémios deste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com toda a certeza**, podendo elevar-se quasi indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos, o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de todas estas vantagens, a MARIA RITA, porá à disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um destes prémios tem o valor de 10 escudos.

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

As senhas respeitantes a este concurso e correspondentes à semana passada e a esta estão desde hoje em distribuição em todos os estabelecimentos da Adega Ideal do Lavrador.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 16 ADEGAS: R. do Bomjardim, 361-364 (Esq. da Trav. da Lioeiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; E. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Corcamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Marlene Dietrich, uma das mais brilhantes estrelas de Hollywood, quis passar a estrêlo. Para isso, adoptou o traje masculino. E a moda pegou. Logo as mulheres da Cinelândia desatam a usar calças de festas e jaquetão redondo. Dentro em pouco, as de Nova-York imitavam-nas. E aí temos as americanas transformadas em americanos... menos o trolley.

Não sei, em verdade, como se arranjarão, de colarinho e gravata, as mulheres que forem mãis e tiverem de amamentar os filhos. Pior ainda as que estiverem para o ser... salvo se usarem calças de elástico, como as botas antigas. E de-certo terão de sujeitar-se a uma operação cirúrgica a quem a natureza tenha favorecido com as formas opulentas da Vénus Callipigia. Porque, sem essa intervenção sangrenta e eliminatória, afigura-se-me que elas não serão, na rua, de uma elegância por aí além. Sobretudo se usarem, como os cinéfilos de agora, os casacinhos cintados.

Viram as prendas que o presidente Roosevelt tem recebido? Veem no *Diário de Notícias*. Só ferraduras, milhares. Chegavam — afirma o jornal — para ferrar uma manada ou os cavalos de um regimento.

Suponho que Roosevelt já as não tem em seu poder. Deve tê-las distribuído pelo parlamento. E o saldo que sobrou, pela Academia das Ciências.

Mas vejamos mais estas ofertas: uma castanha da Índia, muitas medalhinhas religiosas, um busto de bronze, uma manta, dois pincéis, uma dúzia de bengalas, duas vassouras, um rosário, uma imagem de Buda, duas camisas, uma concha,

dois pombinhos vivos, um gato, uma navalha de barba, uma gravata verde, um retrato do presidente dentro de uma garrafa, duas Biblias e uma empada de coelho.

Parece a lista dos objectos perdidos nos carros eléctricos. Mas tem coisas simbólicas. Assim, os dois borrachos — se é que o gato os não comeu já — e o retrato dentro da garrafa devem ser piada à abolição da lei seca. A navalha de barba deve representar uma alusão disfarçada às novas contribuições, que são de levar coiro e cabelo. A imagem de Buda foi sem dúvida enviada por quem entende que o que o presidente tem a fazer de melhor é sentar-se no chão, cruzar as pernas e deixar-se ficar a olhar o umbigo, sem fazer coisa alguma, — o que, aliás, é quasi obrigação de todos os chefes de estado constitucionais. Em contraoposição, o das camisas quer que ele arme em ditador, rodeado de camisas negras, pardas ou azues.

E' natural, porém, que Roosevelt não faça a vontade a nenhum dêles. Nem metido na concha, nem bufando como o gato. Mas dando que fazer aos políticos. Com os pincéis na mão, e a manta a servir-lhe de tela...

Não há de ser o azougado Hitler o único chefe de governo com o direito de pintar a manta.

Muita gente de Lisboa e de outras cidades extremenhas foi a Santarém, de visita ao túmulo de Pedro Alvares Cabral. «Peregrinação piedosa e patriótica» lhe chamou um jornal alfacinha. São pp de mais, mas nem por isso deixa de ser verdadeira a afirmação.

Estou de aqui a ver o gorila Gondim, lá no

Rio de Janeiro, a contorcer-se de despeito e a afirmar mais uma vez que Alvares Cabral não merece a homenagem porque descobriu o Brasil por engano. E não lhe responderei, como o outro, que é essa a sua única desculpa, — porque há muitos brasileiros — a maior parte — honestos e dignos. Lá estiveram mesmo, em Santarém, ilustres representantes da grande república sul-americana, que, se alguma coisa tem a verberar ao navegador quinhentista foi não haver ordenado o extermínio total dos chimpanzés e dos tupinambás que, por cruzamentos *contra natura*, vieram a dar origem à rebarbativa família dos Gondins.

Enfim, nem tudo pode lembrar, mesmo aos homens de génio.

Lá se correram em Lisboa os touros de morte. Foi um delírio. Praça à cunha. Aplausos em barda a cada touro que desabava na arena, ferido em pleno coração pela estocada do *mataor*. Ficou em cheque a Sociedade Protectora dos Animais, que tinha enviado ao governo milhares de assinaturas de protesto. E tudo correu bem, — até para os internados dos estabelecimentos de caridade, que se consolaram, no dia seguinte, com bifés de superior qualidade.

Até aqui está certo. O que não está certo são os touros desembolados que lá se correram. Bom será que não pegue o precedente. Caso contrário, teremos qualquer dia, em vez de touros, — toureiros de morte. E isto é mais sério, embora não haja, para protestar, uma Sociedade Protectora dos Homens.

Marcial JORDÃO.

Céus de Fogo

é um romance forte do Dr. Campos Monteiro (Filho).

CÉUS DE FOGO trata do amor entre os selvagens e lê-se de um fôlego.

CÉUS DE FOGO não tem escabrosidades; mas tem verdade e grandeza de descrições.

CÉUS DE FOGO descreve a paisagem da nossa Africa Oriental, e a sua efabulação obedece à verdade.

CÉUS DE FOGO é escrito por quem viveu anos e anos entre a beleza selvagem que descreve, e tem páginas de maravilhosa textura.

CÉUS DE FOGO é um romance que fica bem ao lado dos grandes livros de viagens e de amores selvagens.

Preço 10 Escudos

A' venda em tôdas as livrarias e na nossa administração.

No prelo:

ARES DA MINHA SERRA

Novelas de

CAMPOS MONTEIRO

o grande e conceituado escritor nortenho.

ARES DA MINHA SERRA

são novelas transmontanas que tôda a gente deve ler.

Um ar da minha graça

é este o título do novo livro humorístico do nosso director.

José de Artimanha, o autor do *Tribunal dos Pequenos Delitos*, pôs neste seu novo livro tôda a graça que Deus lhe deu, e por isso o

UM AR DA MINHA GRAÇA

não é um ar apenas: é um livro inteiro cheio dela. Dentro de breves dias aparecerá à venda em tôdas as livrarias o novo livro humorístico de José de Artimanha, que irá de-certo obter um sucesso igual ao seu primeiro.

O preço é o mesmo.

Podem, portanto, fazer os seus pedidos desde já para a nossa administração.

UM AR DA MINHA GRAÇA

Edições da CIVILIZAÇÃO, LIMITADA

Rés-do-chão

Balancete da semana

Vão-se pondo bonitos os *matches* de *foot-ball*. Insultos, vaias, gritos, corridas dos polícias, ais, apitos, — pancadaria basta à luz do sol. Foi outro dia em Guimarães: a gente de Braga que lá foi, para jogar, mais os que foram ver o desafio, tiveram de raspar-se velozmente, a correr e a berrar, perda de animação e o sangue-frio. Por pouco não deixavam lá as peles, os ossos e o chorume, para os da terra, muito pouco imbeles, fabricarem com êles . . . aquilo que é costume. Dizem até que, não obstante a roupa e a pesada armadura de metal, molhou valentemente a sua sopa, brandindo o seu montante colossal, a estátua do Toural. Formidável peleja que tôdas as demais transcende e excede! Ao pé de ela não vale uma vareja a escaramuça reles de Cerneja nem a batalha atroz de S. Mamede.

*

Agora, foi no Pôrto, ali no Bessa: arrabidenses contra vanzeleres. Tenaz disputa, temerosa e cega! Tomaram parte activa na refrega homens, crianças, velhos e mulheres. Onze de aqui, onze de lá. Porém, logo ao primeiro *goal* efectuado, pegavam-se os de cá com os de além, e eram já onze mil de cada lado. Mas não onze mil virgens. . . de *castanha!* Porque, na luta a sôco e a pontapé, qualquer de êles em sangue já se banha, mas prefere morrer a arredar pé. Houve episódios de heroísmo extreme: gente tão entusiasta do desporto que nem ferida se retira ou geme, e avança sempre, desafiando a morte! Nessa contenda dementada e rábida, 'té os santos meteram as colheres: S. Jorge pela Arrábida, e S. Tiago pelos Vanzeleres. Só o árbitro, coitado — a-pesar-de ter sido caluniado — não era por ninguém. Esse ajoelhou (tal como o Condestável em Valverde) pedindo à Virgem-Mãe que lhe salvasse a vida, — mais instável que a de um mosquito quando o inverno vem.

*

Eu não frequênto os *matches*. Todavia, se lá fôr algum dia, levarei (e como eu muitos heróis) cota de malha, arnés, elmo, viseira, e uma metralhadora bem certa, — se não fôr um canhão 42. . .

Mariarritadas

E' ou não é?

Foi ou não foi?

Recordo-me de ter lido, há muito tempo, alguma coisa em que se apresentava Eça de Queiroz como precursor do integralismo lusitano.

Nessa ocasião ri-me e julguei tratar-se dum laracha do valor de muitas que às vezes veem a público, atribuídas a vultos de valor.

Vejo agora que me enganei, pelo bellissimo estudo que, sôbre o autor das *Prosas Barbaras*, escreveu Julião Quintinha, incorporando-o no seu novo livro *Imagens de Actualidade*.

E querem saber por que eu agora vejo que me enganei? E' que Julião Quintinha apresenta-nos Eça como romancista revolucionário; e fá-lo, parece-me, com mais direito do que quem afirmou a tendência integralista de Eça.

Vai ser bonito o espectáculo a que vamos assistir. Dum lado, uns quantos a puxarem o amante da Verdade para a escuridão das suas teorias, que trezandam a cera benta; do outro, uma figura de talento, que apresenta Eça tal qual êle foi, e como nós todos o podemos ver, ainda hoje — e sempre! — através de tôda a sua obra, que é das mais brilhantes da segunda metade do século passado, êsse século estúpido e nada valioso para os pseudo-esclarecidos.

•

Uma prova de amor

Com certeza, quando os homens vão para velhos, mudam muito de opiniões. Uns começam a gostar de açúcar e de melindres; outros preferem anas de primeiro leite. Mas nenhum, que me conste, arranjou nunca uma cisma como o velho marechal Hindemburgo, aquele homem de aço que todo o mundo conhece e tôda a gente respeitava pelos seus oitenta-e-dois anos sempre frescos.

Pois êste homem, sôbre o qual estavam fitos os esgazeados olhos de um mundo em decadência, deu-lhe à última hora para oferecer o retrato, com cercadura em prata, áqueles que êle considerava acima de tudo.

Há uma semana mandou a Hitler uma fotografia sua com uma dedicatória referente aos anos do chanceler das quatro pontas.

E há dias ainda, tirou nova prova para ofertar ao chefe dos Capacetes de Aço como prémio de êle ter feito as pazes com os hitlerianos.

E visto que o marechal ainda tem sufficiente cabelo, não tardaremos a saber que o animado Hitler recebeu uma encaracolada madeixa de sua Excelência.

E oxalá que não assistamos ao corte de relações e à respectiva devolução da madeixa do retrato.

Bem se vê que hoje em dia a política é uma porca descaradíssima.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas ensas a vendem a 1 escudo, dep. 162, 3.º Ar. dos Aliados. Telef. 4650

Resumo do dia de domingo último

No Perú foi morto a tiro o presidente Sanchez del Cerro. Também foi morto o seu assassino, um oficial e dois polícias.

Na Espanha, reventaram neste dia 123 bombas, matando 15 pessoas. Foram incendiadas três igrejas e houve dois *atracos* mortais por falta de *substância* *atracável*.

Na Alemanha foram assaltados 15 sindicatos e mortos dois comunistas. Verificou-se o encerramento de 242 casas de judeus e a expulsão de mil e tantos capitalistas, aos quais foram confiscados os bens.

Na Rússia, registaram-se 101 fuzilamentos e três descobertas de revoluções burguesas.

Na China, houve um recontro na grande Muralha que custou a vida a 32.000 chineses, e um ferido aos japoneses.

Propositadamente não falamos na Colúmbia, no Paraguay, na Bolívia, em Cuba, em Nazareth e no Egipto para que se não diga que somos muito más línguas e para que possamos inserir outras coisas na MARIA RITA.

O 1.º de Maio

Quem assistiu ao primeiro de Maio de há dois anos, e teve a ventura de passar a última Segunda-feira, há de julgar, por certo que o mundo sofreu uma grande transformação. Não sabemos bem aonde filiar o *sossêgo* extraordinário que êste dia nos patenteou. Dir-se-ia que a falta de trabalho, a *chomage* mundial já não dá nem para o descanso.

O 3 de Maio

Em compensação êste dia foi, êste ano, festejado de forma singular. Em Lisboa houve um grupo de exaltados

portugueses que foram em romagem cumprimentar as cinzas do velho Pedro Alvares Cabral, que há 433 anos se lembrou de descobrir os brasileiros para que êles agora nos chamem de cachorros para baixo e de galegos para cima.

Santarém, que foi a cidade escolhida para guardar os restos do famoso navegador, vestiu galas para receber a pléiade de brasileiros que lá foram visitar o túmulo do involuntário causador da sua existência. E em frente à urna houve menino que não resistiu à tentação de lá meter uma lista.

Pois se era o dia também das eleições na banda di lá!...

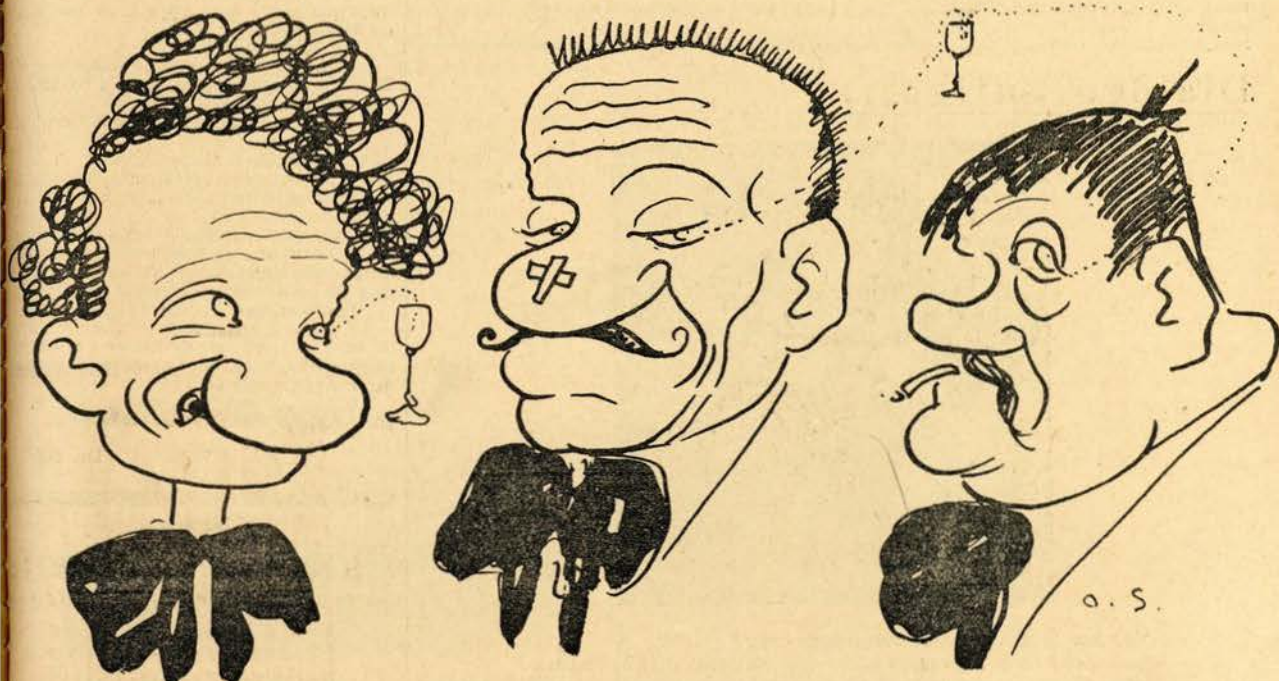
Chegou o Gonçalo

E' o Velho, bem sabemos; mas mesmo assim, sabendo tóda a gente que é um Gonçalo Velho, tóda a gente também sente que há dentro em si uma alegria nova.

E a MARIA RITA, livre de partidarismos e de facções, a nossa MARIA RITA, que é do tempo da corveta Estefânia, sente-se ufana por ver nas águas do seu Douro um Gonçalo Velho muito novinho em fôlha de ferro.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma terá graça, de graça ::

O 1.º de Maio no Pôrto



Os três manifestantes que mais se distinguiram

MUSEU NACIONAL

E' entrar, é entrar!
E se não tens cabeça — nada pagas.
Verás leitor que muito vais gozar.
Mas não faças, eu peço, partes gagas...

Neste Museu, amigo, encontrarás
reliquias, coisas velhas e presentes.
E tantas maravilhas tu verás
que, se acaso o não és, parvo te sentes
Ante o deslumbramento
de raridades várias, mais dum cento.

E' entrar, é entrar!
Eu prometo, leitor, deliciar
teu espirito astuto.
Vendo o que nunca viste,
vais perder esse aspecto frio e triste,
vais gozar como um bruto.
E' entrar, é entrar!
Já sei: não tens cabeça — e nada pagas
Mas entra, com mil raios!
Não tragas os catraios
ranhosos para aqui,
nem tua mulher tragas
porque eu, já te pedi,
não quero partes gagas...

.....
Em lindo cofre, doirado, avaramente se encerra a ponta dum cigarro *bout-doré*, simbolo sintético duma literatura de punhos de renda. Há má-línguas que afirmam que essa ponta de cigarro — uma inutilidade que todo o bom fumador despreza — é a materialização do *de mérito* da Academia de Ciências Bacorais.

Naquele estôjo artístico, de cuidado recorte, se patenteia aos olhos saudosos dos republicanos históricos — uma *raça* que já não tem cotação no mercado — a cartola diplomática de D. Bernardino.

No frasco que além está, à semelhança dos frascos onde nas farmácias da provincia se conservam exemplares de abortos, guarda-se um pedaço de cosmos, gentilmente legado ao museu pelo falecido orador sr. Coimbra.

Num pequeno relicário, estilo chaminé do Banco de Portugal, vêm-se os objectos que foram perdidos nos severianos: batons, bidets, monóculos, embrulhos suspeitos, capas de borraça, alianças, combinações, etc.

Por entre aquela roupa suja que se agrupa a um canto da sala, pode distinguir-se um famoso colarinho no qual, a tinta encarnada, se desenha uma data: — 19 de Outubro.

O policia de giro informa-nos que o sr. Cunha Leal vai requisitar o colarinho para o mandar à lavadeira.

Agora, e ao lado, vamos encontrar um montão de papéis velhos. (E' de notar que há uma certa aproximação entre a roupa suja e os papéis velhos. Vamos exemplificar). Aqui estão dois papeluchos contendo redacções diferentes dum mesmo artigo e firmados pela assinatura de dois galos do socialismo português. E é tal a diferença de conceitos, que o desgraçado artigo nos parece ser o 139 do Ramada e o 931 do Bourbon... Donde se conclue que numa capoeira nunca deve existir mais dum galo. E mesmo assim, às vezes, abusa-se da galadela...

Um precioso documento nos atrai a atenção: um autógrafa de Camões que vem resolver o problema ou a tese da *infantildade*. Envergonhem-se os meninos Rodrigues e Lopes Vieira; contristem-se os Campos (não os Monteiros que precisam de ser joviais por causa da MARIA RITA, mas os Agostinhos); rejubilem os Pimentas, os Vinagres, os Acafrões e os Ricardos Jorges e outros vários tēmperas da Culinária Nacional.

O Camões tinha só um olho, mas bem via que a Infanta não era fôrma para o seu pé.

Neste documento, Camões esclarece que a sua tam discutida frase «*ergueu a mão para matar-me*» se refere a um pirata a quem havia pregado o *calote* e não à Infanta D. Maria, a propósito de quem o poeta escreve — «*he humra gran trouxa e delambida*».

Num poeirento palimpsesto podemos encontrar a chave para decifrar os *XXX* e os *pföens* da nacionalidade do descobridor da América. Ai, Cristobal Colon jura pela sua honra, e para que produza os devidos efeitos históricos, que é português de Portugal, nado e criado em Boticas. Pronto, acabou-se a questão, não se fala mais nisso — e parabéns aos boticários...

Na secção de pintura existe o original dos painéis de S. Vicente. No conjunto dos frades distingue-se a figura do sr. António Ferro. No entanto, o sr. José de Figueiredo afirma que

se não trata do sr. António Ferro, mas sim do actor Joaquim Prata. Esta questão — a que chamaremos questão metálica — tem feito com que muito casmurro tenha gasto os seus cobres.

Há no Museu um objecto exposto que, particular, chama a atenção do respeitável público. Trata-se duma ferradura que se encontra assente numa almofada de veludo. Não se sabe ao certo a quem pertenceu, pois que muitos tem sido os homens de talento que se apresentam a reclamar a posse de tam precioso objecto, alegando direitos adquiridos, de prioridade ou de opção.

Na secção de escultura existe um gesso de autoria dos fazedores dos meninos de purpurina — e que é o modelo representativo duma alegoria ao génio Nacional.

Por enquanto o modelo lá está — e é de gesso...

Fiquemos por aqui. Eu prometo continuar. Este museu bem merece a nossa visita de estudo. E, leitor, bem há de merecer da Pátria, o citharone que carinhosa e galhofeiramente te acompanha.

A Glória há de ajoelhar-se aos pés de

Inácio de LANHOLA.

CORRESPONDENCIA GRAFOLÓGICA

Animado pelo successo lisonjeiro que esta nova secção despertou nos nossos leitores (até que até me pus agora corado como um tomate), vou continuar a responder a mais algumas das numerosissimas cartas que tenho recebido.

A. Rodrigues — R. P. ou R. C. A. — A sua letra tremidinha, nervosa, toda aos saltinhos, denota um temperamento quente, ou melhor morno, quer dizer muito bom para os dias frios. Resumindo: o autor desta carta é fresco para assar.

Vê-se pela maneira carinhosa como desentranha os rabos dos *p p* que há de ser muito amigo de crianças... depois dos dezasete anos de idade. (Eu disse *crianças* e não *criações*).

A sua forma enérgica de traçar os *t t* mostra-me que o seu estômago não suporta vinho sem ser também *traçado*, e que já uma vez, em solteiro, esteve para dar um *traço* na cara dum pessoa que era também, não desfazendo quem me lê, um *bom traço*, e que lhe dava esse *traço* por andar com *traça* duns amores que ela lhe recusava.

Até parece troça!...

P. S. — Se me mandou a competente nota de vinte *manguços* para pagar a consulta foi naturalmente, por via... aérea.

Ora como eu não tenho aparelho receptor...

C. Damião — *Cacia* — Palavra de honra que o julgava casado. Vejo, pela sua carta, que se divorciou há muito da... sintaxe e da ortografia.

Mas, não desanime. A sua escrita despretendida, badalhoça, os seus termos cocheirais e ideias desbragadas dão-lhe todas as características para vir a ser um grande escritor da moda.

Continue, que vai bem.

E um dia, se publicar um desses romances de fazer corar os pais de familia e os meninos maiores de 35 anos, não se esqueça de nos mandar alguns exemplares.

E' que... há certos apertos na vida em que um livrozinho macio nos faz muito geito.

Dr. OX.

Dialogo antigo...



— Não me façais mais sonetos, peço-vos.
— Acaso não terão os vossos olhos tais encantos que os valham?
— Não. E' que meus pais já desconfiaram que aqueles 14 versos queriam dizer alguma coisa...

NAS
Galerias Lafayette
— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO—
todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível
AUX GALERIES LAFAYETTE

DESCANSO SEMANAL

Manta de farrapos

Confessamos com desgosto que já há muito tempo, não sabemos o que é feito do *Ecos de Cacia!*

Morreria? Suspenderia temporariamente a sua publicação? Arrepende-se-ia o generoso remetente dos exemplares que nos vinham parar às mãos?

Não sabemos. O que temos por certo é que essa formidável colmeia de asneiras, de gralhas, de palavrões, deixou de nos vir parar às mãos.

E quasi não vem dia nenhum ao mundo que não nos lembremos do abalitado Damião e do famigerado Pérola Verde. Que será feito dêles? Onde estarão metidos? Que originalíssimo pasquim absorverá agora os produtos das suas congeminções?

Também não sabemos, mas temos de declarar que andamos aborrecidos com a falta de tão conspícuos camaradas. Por essa mesma razão vamos mandar publicar o seguinte anúncio em todos os diários portugueses.

Alvíçaras

Dão-se a quem encontrar ou souber do paradeiro dos detentores da asneira nacional: Damião de Cacia e Pérola Verde, de Espinho.

E' que fazem muita falta a esta secção.

E agora vamos ao que ainda resta: De o *Povo de Monção*, recortamos o seguinte anúncio:

Cine-Monçanense. *Devido a benficiação de trolha e carpinteiro, a que preside o louvavel desejo de fomentar a hygiene e ventilação, só pôde haver sessões no domingo de Pascôa e noites seguintes, segunda de Cruz e terça da Senhora da Cabeça, com programas festivos do mais completo triunfo da cinematografia muda. Os programas prometem 3 noites em cheio.*

Donde se prova que os *Ecos de Cacia* não fazem tanta falta como a princípio parecia. As asneiras nos jornais de provincia, são como os cogumelos:

Nascem sem ninguém os plantar. O que se prova no meio de isto tudo é que os empresários de Cine-Monçanense, estão a precisar duma *benficiação de trolha* como de pão prá bôca.

A *Voz do Domingo*, de Leiria, de 16 de Abril, inseria o seguinte período na sua secção de necrologia, referindo-se ao passamento dum sujeito qualquer:

Foi confortado com todos os sacramentos da Santa Igreja, o que fez aliviar sua mãe de um grave incomodo cardiaco.

Ora aí está um medicamento que a ciência moderna ainda não tinha descoberto.

Ali em cima, na rua das Oliveiras, mesmo em frente à casa da minha sogra — isto é verdade! — existe uma confeitaria que dá pelo nome de Galvão, mas que se devia chamar Confeitaria Damião, se analisarmos detidamente um leteiro que tem numa das montras, e reza assim:

Auteriso que a Fesquelisação Borfique o meu artigo...

E' assim tal e qual!... E depois venham dizer-me que a Academia das Ciências não tem feito obra aseada no que respeita à redacção dos leteiros em línguas estrangeiras!...

Era bem feito que a *Fesquelisação fôsse borfique* o artigo do Galvão a ver se êle estava dentro da lei...

Aqui há tempos o jornal *Defesa de Espinho* dizia assim, referindo-se à automaca dos Bombeiros Voluntários lá da terra.

Lamentamos sinceramente que isto se tenha dado, pois são por demais conhe-

cidos os serviços prestados pela automaca dos B. V. de Espinho na condução de feridos aos hospitais e outros serviços inadiáveis que constantemente estão a ser reclamados.

Por onde se pode provar que a automaca também serve para se fazerem serviços inadiáveis. E depois beram pelas medidas de hygiene!

Do conspícuo *Diário de Notícias* do último Sábado, recortamos o anúncio abaixo, que achamos curioso:

A. R.

SERA' V. Ex.ª a pessoa que eu supponho que seja que se me dirigiu? Como ter a certeza?
Agradeço-lhe lembranças.

Foi desta maneira que o Hamlet deu em maluco. Ser ou não ser, eis a questão. *To be or not to be* como dizia o saúdos Epaminondas.

Mas olhe que talvez seja. E daí, quem sabe?, talvez não fôsse. Ele há tanta mulher! Mas porque *fantasia* lhe foi lembrar a tais? E afinal seria, seria!... Agora séria é que ela não era com certeza.

Do velhíssimo *Jornal de Notícias*, também colhemos o que se segue.

Salvé, 19 de Março

Completa as suas 33 primaveras a sua graciosa menina Isaura Felix Costa, faço votos sinceros que este dia se repita por longos anos e a fina flor primaveril, enviemos sinceros parabens, suas colegas da casa M.

Este, nem português nem nada. Quanto à fina flor primaveril é a primeira vez que nos passa pela mão.

Porque, das duas, uma: ou nós cada vez sabemos menos, ou a nossa língua é tão difficil de aprender que não há ninguém que lhe chegue.

BARROS



VINHOS DO PORTO

DE

QUALIDADE SUPERIOR

BEM sabemos que esta questão de touros de morte, já não é novidade para ninguém. Qual é de vocês, ingratos cidadãos, que não tenha sido atacado por um papelucho quadriculado, azul ou branco, onde se registam já nada menos do que 99:999 assinaturas?

Ninguém! Cá, por nós, confessamos que já assinamos não sabemos quantos desses papeluchos onde a nossa assinatura iria prefazer a centésima milésima que era necessária para demover o sr. Presidente da República. E tantos foram os pedidos que de todos os lados choveram, que não pudemos esquivar-nos a assinar a lista pedindo a morte, como a lista em que se pedia a salvação dos pobres dos animaizinhos.

O lado para que pendemos

E' coisa que não podemos dizer assim no mesmo instante. A nossa queda desde miúdos para a mão de vaca ao natural leva-nos a desejar que os touros vivam, se reproduzam e proliferem.

Sem touros é impossível haver vacas; e sem vacas é difícil de encontrar a respectiva mão. Mas por outro lado desejamos a morte do touro. Porquê, perguntarão V. Ex.^{as} um tanto ou quanto obstrucionistas? Porque andamos mortinhos por ver um touro de perto, e não poderemos conseguir essa almejada coisa de outra maneira.

Vivam os touros de morte!

Este grito saiu-nos da boca com uma expontaneidade pasmosa. Somos assim: expontâneos.

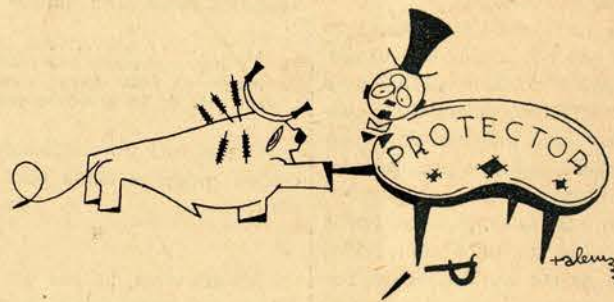
Mas, ou porque fôsse ouvido por algum sócio da prestante colectividade Associação Protectora dos Animais Indefesos, ou porque a nossa alegria até se visse por fora, o que é certo é que fomos procurados por um sem número

de criaturas que aos gritos subversivos de

Morram os touros de morte!...

nos procuraram de olhar chamejante, irreconhecíveis em suas próprias ca-

nunca quem é o pai, sabe facilmente que é filho duma pobre vaca taurina. Insurjo-me, por isso, contra a festa brava, porque ela, na sua sanha de matar o que é puro e sabe marrar, há de transtornar por força as estatísticas demográficas. Morram os touros de



O touro agradece ao protector

sas, que nos mostraram uma formidável lista de assinaturas contra essa manifestação a que eles, prontamente, davam o nome de *atroz barbaridade*.

Eram quasi todos carneiros de condição e faquistas de inclinação. E então, um dêles, mais palavroso ou melhor informado, botou o seguinte discurso, que não transcrevemos na íntegra por absoluta falta de espaço.

Senhores:

Começo por declarar que considero o touro um animal como eu. Matá-lo, pois, é cometer um crime de infanticídio. Porque se o touro não sabe quasi

morte! Vivam os touros de todos os dias...

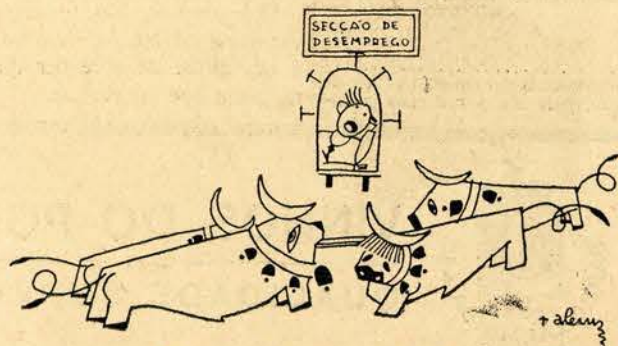
E' claro que tivemos de assinar a pretensão, e não mentimos ao dizer que ficamos um tudo nada inclinados a favor das corridas de touros com cavallinhos bem arreados, e com toureiros, tão habituados a correr os mesmos touros todos os anos, que já os conhecem pelo cheiro.

E já tínhamos deitado duas lágrimas de compaixão pelos desgraçados que morreram no último Domingo, em Lisboa, quando entrou a correr pela nossa redacção dentro o formidável *diestro*

Roberto Fernandes

o Bombita da nossa praça. Vinha rubro de cólera, e quasi não podia articular uma palavra quando chegou. Quando se retemperou, disse assim:

— Mas vocês ainda duvidam? Os touros de morte são um facto. Eu já mandei telegrafar pela *Italcable* a todo o mundo, dizendo que foram autorizados em Portugal. Assim, sim. Assim ver-se há a força contra a astúcia, a selvajaria contra a destreza. Eu já disse isto mesmo na *Montanha*, e o meu colega Luís Alves de Carvalho vai



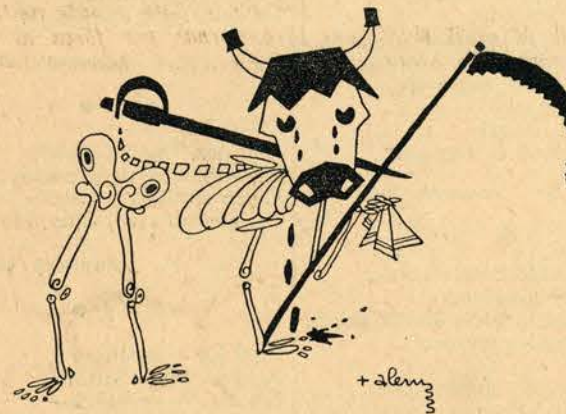
Mais uma classe sem trabalho

Touros de morte, sim morte dos touros, não!

Morrer ou não morrer, eis a questão

dizer igual coisa na *Voz*, que é o seu jornal predilecto. As nossas corridas actuais não passam de vacadas. Há tou-

tôdas uma série de repetições. Viva o Zé Russo!... Viva a morte dos touros!



Touros de morte

ros hoje que, quando não gramam seis bandarilhas, não vão contentes para o curro! E toureirinhos que se não apanharem uma marradita, nem o jantar lhes sabe a nada.

E' claro que no final desta peroração, tivemos que assinar o pedido para os touros de morte.

Estão a ver, portanto, como o nosso coração balançava entre as duas espécies de touros! E para que não ficasse como o tolo no meio da ponta dos chifres dos grandes cornúpetos, fomos de longada a entrevistar os grandes azes do toureio portuense. Damos a seguir a nota do que eles nos disseram:

Nascimento Neto

Um touro com a mobília tôda, deve morrer na arena. Também não será mau que os toureiros tomem cuidado com os cabides. De ordinário as colhidas dão-se sempre no mostrador da fome, e raras vezes no *maple* natural que todos temos. Gosto dos toureiros de estilo: mas prefiro o estilo Luís XV.

O célebre Paulino

Já não há touros, nem toureiros, nem inteligentes. As corridas hoje são

Eu prometo indicar onde êles se acobertam.

Domingos Soares

Mas vocês ainda querem melhores touradas do que aquelas que temos no foot-ball? Há lá menino, que era incapaz de ver matar um touro, mas capazissimo de ver matar o árbitro à quinta facada.

Um touro manso

Mas afinal porque nos queremos tanto mal? Não é verdade que nós estamos sempre de acôrdo?...

Um toureiro dos nossos

Abaixo os touros de morte! Não há o direito de aumentar a crise do desemprego!...

A' ÚLTIMA HORA

A' hora do nosso jornal entrar na máquina, comunicam-nos do Ribatejo que as vacas bravas daquela região estão organizando um movimento de protesto contra as corridas de touros de morte em Portugal, para o que, já solicitaram o apoio das suas colegas das restantes manadas.

Lavra entre elas (as vacas, está claro) a maior indignação, pois continuando a permitir-se a morte dos touros, ficarão ameaçadas da perda dos queridos filhos que tanto amam, assim como dos não menos estremecidos maridos.

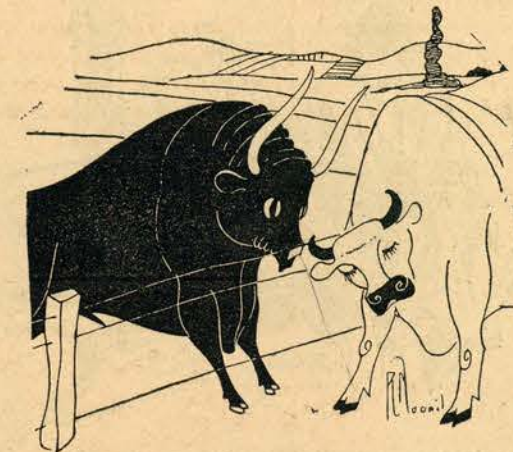
Mais nos informam que a comissão executiva (das vacas, está claro) se mantem em sessão permanente, nada transpirando das resoluções tomadas, nem mesmo havendo sido fornecida qualquer nota à imprensa. (Especial).

Alexandrino dos Santos

O' filhos: mas se não vierem os touros de morte, que diabo hei de eu fazer aos meus cavalos? Já ando a ensaiá-los: as tripas dêles já pouco funcionam para que se não diga depois que é mais uma porcaria à mostra. *Sr. Pesidente: más caballos!...*

Dr. Oscar Moreno

Quanto a cavalos, não faltam por aí.



— Não chores, minha querida. Eu vou ser corrido logo, mas volto em seguida.

— Pois sim... mas o meu primeiro morreu disso.

+

A Q U I J A Z

Continuação do concurso da **MARIA RITA** 50\$00 ao melhor epítáfio publicado

Aqui jaz Bento Carvalho
Em vida fugia ao trabalho
Mas gostava da pinguinha:
Como a vida é sôpro leve
Ele nunca mais se atreve,
A beber de manhazinha.

Remetente: Reirobi.

Jaz aqui um portuense,
Raimundo Martins de nome.
Aos vermes cheios de fome,
Grossa partida pregou,
Pois só osso lhes levou.

Remetente: Jeremias.

Aqui jaz, «quedo e mudo»,
Quem foi homem de saber;
Dava remédio a tudo
...Mas não evitou morrer.

Remetente: Amador.

N'esta campa apalaçada
Tôda em jaspe verdadeiro
E pedra fina lavrada,
Por enquanto não jaz nada
A não ser o meu dinheiro.

Remetente: Setim Cacho.

Neste jazigo enfeitado
Jaz o Landru da Carris
Que, segundo o povo diz,
Era muito... delicado.
P'ra que não fique ignorado
Este pobre condutor,
Lembrou-se alguém, por favor,
Desta lápide colocar;
Seu nome quis ocultar
Quem lhe mandou... isto pôr!...

Remetente: Sepol.

Aqui jaz o Grande Pérola Verde,
Glória do pobo Casiano.
Inscritor de talento que o Mundo perde,
Direto ribal de Culumvano.

Saodade interna do teu Damião,
Discansa, que o «Ecus de Cacia»
Por ti bai resar, nesta incasião:
Um Padre noço, Abé Maria.

Por Damião: Rutra Luar.

Neste coval apertado,
Onde o sol não alumia,
Jaz um burro sepultado,
Que é dos lados de Cacia.

Remetente: Zé Barão.

Aqui jaz a paciente
Sociedade das Nações,
Feneceu parturiente
De destroyers e aviões!!!

Remetente: Dr. Casto.

Aqui jaz, Gandhi Tomé,
P'los glutões, desprezado...
Como só tinha o «chalé»
Foi mesmo vivo, enterrado!!!

Remetente: Dr. Casto.

Aqui Jaz o sapateiro
António Pinto Sarilho
Era mestre verdadeiro
Nas medidas... de quartilho.

Remetente: Alice.

Joana Pinto Cadela,
Minha sogra, ela aqui jaz
N'esta cova tumular.
Tanto eu gostava d'ela,
E ela cá do rapaz,
Que a enterrei... a dançar!

Remetente: Rutra Luar.

De-prensa foi p'ra os anjinhos
Quem nesta campa aqui jaz:
— Um excelente rapaz
Que se chamava Carlinhos.
Fêz tantos, tantos, fatinhos,
Este alfaiate exemplar
Que já era de esperar
Morrer tão breve, coitado!
Já tinha o ôlho cansado
De tanta agulha enfiar.

Remetente: Sepol.

Aqui jaz a minha amada
Mulher que tanto amei
Até que enfim que encontrei
Aonde esteja sossegada.

Não podia ver sofrer
Pois chorava a sua sorte
E quando sentiu a morte
Chorou porque ia morrer.

Remetente: Amaranтино.

(Continua).

Um pedido delicado:



— Tu sabes João; o meu filho é teimoso como um burro. Não quer saber do que eu lhe digo. Só escuta os imbecis. Por isso te peço o favor de o aconselhares convenientemente.

Salada Tripeira

Cartas do Pôrto

Sempre jovem MARIA RITA:

Eis-me, de novo — agradecendo o bom acolhimento que dispensaste à minha tão barbara prosa e, esmeradamente confeccionada, apresentar-te uma delicada salada tripeira, que apreciarás a *ton beau plaisir*.

Dia a dia, o velho burgo assemelha-se a um imenso tablado de excentricidades, que perpassam ante a nossa retina como sombras animadas. E, o Pôrto que te foi berço, pode orgulhar-se de possuir, dispersos pelo seu seio, os mais extraordinários fenómenos, as mais estranhas surpresas, um *sem fim* de invulgaridades que nos despertam a já tão corroida sensibilidade.

Ontem, à noite, alguém foi chamar afritivamente um médico vulgar, a-fim-de conseguir, por qual... maneira, a cura dum homenzinho que, pouco ou nada faltando para se encontrar em estado de demência, afirmava perentoriamente que tinha cobras na barriga, afirmação que provinha duma dor de estômago, que há anos, o apoquentava.

Arquitectou, o médico, um engenhoso processo de cura, e dirigiu-se, esperançado, a casa do padecente.

Este, gritando ensurdecidamente, continuou a garantir ao médico que o seu estomagozinho era um albergue de cobras.

— Talvez! — disse o doutor.

Mas, eu trago comigo um remédio que o vai curar imediatamente!...

Dizendo isto, deu um vomitivo ao doido que, momentos depois, via num balde uma cobra morta, graças à decisão do médico que não hesitara em a colocar lá, a-fim-de persuadir o doente se que já nada tinha.

Porém, minutos decorridos, o pobre

Duas quadras

Dum mote atrasado, recebemos do nosso amigo Alfredo Cunha (Raza) as duas quadras abaixo, que com todo o gosto publicamos:

Ponho meus olhos no Céu,
A' procura das estrélas...
Só de noite as vejo eu
Para andar em cima delas!...

As árvores, pelo Outono,
Deixam cair fôlhas belas...
Em neura eu caio de mono,
Para andar em cima delas!...

Alfredo Cunha (Raza).

homem começou, de novo, em altos gritos, dizendo que continuava a ter cobras e que, possivelmente, eram os filhos da que viu no balde.

Vê bem, MARIA RITA, a que ponto chegou a sugestão do pobre doido.

O doutor, então, vendo fugir o recurso que aproveitara para desiludir o homem, pegou na cobra morta, examinou-a com fingida atenção e acabou por exclamar:

— Você está enganado, meu caro, porque esta cobra... sim... esta cobra... — é macho!...

Há dias, os operários chapeleiros portugueses dirigiram ao público em geral um manifesto, clamando contra a crise que atravessam, em virtude da Moda condenar o uso do chapéu.

Sôbre este ponto, nada direi, visto os *descarapuçados* terem lido, há bem pouco tempo, uma crítica no *Janeiro*, do nosso querido Marcial.

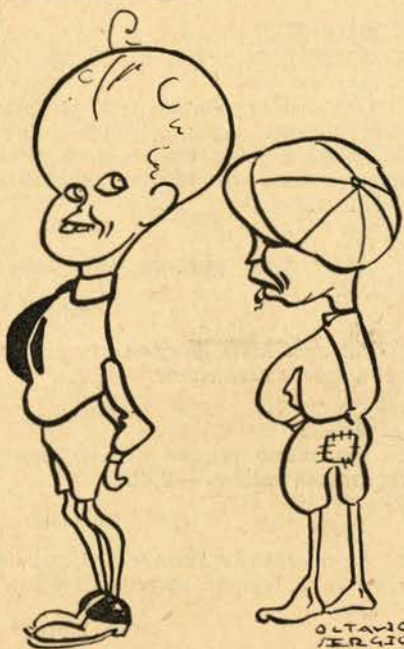
Parece-me, no entanto, que, mais tarde ou mais cedo, temos um manifesto dos camiseiros contra a abolição... das cuecas.

Anda para aí tanto "fotogénico" sem elas...

Cumprimentos sinceros do

RUY.

Castas...



— O meu Pai não me deixa brincar
senão com meninos finos.

Ainda o nosso aniversário

Correspondendo ao apêlo que fizemos no nosso número 53, para que os nossos leitores nos mandassem dizer as impressões do nosso primeiro ano de vida, recebemos do nosso amigo João Tino a carta que abaixo transcrevemos:

Ex.^{mo} Sr. José de Artimanha:

As minhas saudações para todos dessa casa que considero amigos meus, porque o são da nossa MARIA RITA.

Por meio desta, tenho o prazer de vir, com satisfação, apresentar a V. S.^a as minhas impressões sobre o que foi o primeiro ano do seu jornal, conforme pedido expresso no seu último número. Calar-me sobre um tal pedido, seria uma ingratidão para com essa matrona cheia de graça e de honestidade.

Falo assim, sr. Director, porque sou um eterno concorrente a todos os concursos mais ou menos semanais. Por isso posso e devo declarar que encontro na MARIA RITA uma probabilidade de tal natureza, que confrontando-a, chega a parecer impossível.

Como sabe eu tenho sido um dos contemplados nos concursos do seu jornal e nem uma pequena queixa posso formular.

Aproveito até a oportunidade para elogiar a magnífica caixa do superior vinho «Aidinha», que tive a felicidade de tirar no grande concurso do Natal. Abençoado néctar que teve o condão de fazer com que a gripe, no inverno findo, não batesse à minha porta.

Também fui daqueles felizes que puderam papar um *bom* jantar, no Madrileno, onde a atenção do sr. Francisco Parada fez redobrar o prazer da boa mesa.

Termino por levantar um *hurrah!* à nossa MARIA RITA, e fico pedindo a Deus para que a pipa de vinho me venha parar à barriga.

Desculpe, sr. Director e creia-me sempre admirador e amigo

João TINO.

Do ilustre humorista bracarense e nosso amigo, sr. Fernando de Araújo Lima, Director literário do *Jornal de Braga* recebemos uma cativante carta de felicitações, que muito sinceramente agradecemos, abrindo-lhe de par em par as portas da nossa MARIA, e fazendo votos de prosperidades para o seu rissonho semanário.

Décimas... dentro do praso

8-8-8=0

Nos tempos que já lá vão,
O primeiro deste mês
Era cheio de altivez,
Com o seu ar folgazão.
Causava alguma emoção
Ver nas ruas da cidade
A marchar, com gravidade,
Aquel' cortejo alegórico,
Que passou a ser... teórico
E deixou certa saúde.

Agora, que há mais cultura,
P'ra o dia comemorar,
Ouve-se bombas a 'stoirar,
Com seu tiritó à mistura.
E como não há fartura
De trabalhinho, que amolga,
Em tédio o povo se empolga
E pede p'ra cada dia,
— Junto com farta maquia, —
Vinte-e-quatro horas de folga...

BISNAU.



Decifrações do n.º 5 — 1) Marmelada, 2) Micalina, 3) Jacintra, 4) Vêvedo, 5) Sobela, 6) Santopeia, 7) Primabera, 8) Ricanto, 9) Almario, 10) Avecesso, 11) Cãobista, 12) Peitoril, 13) Lisboa, 14) Tataruga, 15) Passarão, 16) Cuadro, 17) Taresa, 18) Bacila, bala, 19) Sabola, sala, 20) Emila, 21) Quem tudo quer, tudo perde.

Decifrações: Rei do Orco, 19; Busina, 18; Gilvaz, 18; Sepol, 18; Horaciano, 18; Tripeiro, 18; Reirobi, 17; A. C. O., 15; Nicles de Tricles, 15; Só Darco, 15; Seria, 14; Rutra Luar, 14; Ohnidog, 14; Amarantino, 13; Zé Barão, 12; Fantasma Negro, 9; Monteiro II, 9; Francisco José Rodrigues, 9; Pirlau, 7.



Enigmas em verso

(Ao confrade Horaciano)

(1)
Sou palavra que os galegos,
Proferem com sobrecenho;
Não sou lá muito comprida,
Pois quatro letras só tenho.

Um grande serviço presto,
Mas a paga coices são,
E por último me maltratam,
Sem ter dó nem compaixão!

Vivo entre os animais;
No entanto, sei de gente
Burrical lá de Cacia,
Que de mim a falta sente!

Rei do Orco.



Charadas em verso

(Retribuição a Sepol)

(2)
Não me lega a padaria
O amigo Damião!
Mas quem é que o faria,
Tomar tal resolução?

P'ra me vingar d'arrelia
Que me faz o figurão,
O seu «Ecos de Cacia»,
Não volto a *olhar*, isso não! — 1

Que a *entregue* a quem quiser — 1
Seja homem ou mulher
Ou a quem lhe der na môsca.

Que eu cá fico a lamentar
O *fraco*, o triste pensar,
Do grande artista da rôsca!

Olegna.

(3)
Um pároco não é de pau, — 2
(Salvo se algum *santo* fôr) — 1
Assim disse o Nicolau,
Que bem sabe o que é o *amor*.

Sepol.

(4)
Tudo canta, tudo ri,
Tudo baila e rodopia,
Foi grande o charivari,
Em casa da minha tia.

Dêste modo consegui, — 2
Catrapiscar a Maria,
Pequena com que fugi,
P'ra rua da Picaria.

Diz minha tia amarela,
E cheia de comoção:
— «Se seduziste a donzela
«*Oferece-lha* tua mão. — 2

«Meu rapaz medita, pensa,
«Porque corres grande risco;
«*Se a usas sem licença*
«*Terás de haver-te co'o fisco!*

Rei das Musas.

(5)
Numa *letra* do teu nome — 1
Meu amor, está uma *bebida* — 1
Não há ninguém que a não tome,
Gente môça ou já crescida.

Mas, oh! Luz dos olhos meus!
Ali 'stá tudo entornado — 1
Pois enfim, *prouvera a Deus*,
Que a tivesses tu tomado.

Xicantunes.



Novíssimas

(6)
Oh! Pérola, Pérola, que já foste
ostra! Quantas vezes, esgotado o cérebro
pinga a pinga, caída a *pena*, terás
dito: «Como eu m'acho cansado!»
— 1, 2, 1.

Joanita.

(7)
Apree! Essa *gordura* não tomo!
— 2, 2.

Busina.

(8)
Foi *aqui* nesta *margem* que encontrei
a *cabeça descarnada*. — 1, 2.

Tripeiro.

(9)
Sou *ditoso* porque *naquele navio*,
vem minha *mulher*. — 2, 2.

Ohnidog.

(10)
A parte interior duma ervilha, quando
não é mole, tem um respeitável volume.
— 1, 2.

Rutra Luar.

(11)
Repousa aqui um *homem* e um *animal*. — 2, 3.

Odnanref.

(12)
O *animal* que vai nessa *corrida*
também entra no *certame*? — 1-2.

Sepol.

(13)
Vai *acolá* dizer àquele homem que
não faz bem em matar o *bicho*. — 2, 1.

Seria.

(14)
Já passou o tempo da minha mocidade!
Hoje, não me *inflamo* com qualquer coisa,
homem de Deus! — 2, 2.

Lérias.

(15)
Nota que eu não *percebo* como
entraste no *pátio*! — 1, 2.

Sepol.



Enigmas tipográficos

(16)
TA NOTA

Gilvaz.

(17)
DUAS TA VEZES

Tripeiro.



Maçada geográfica

(18)
CACIA PAR

Reirobi.



Provérbio a adivinhar

(19)
Tem uma loja de sola,
Joaquim de Jesus Sá,
Que muitíssimo o consola,
Pois muitos lucros lhe dá.

Seus empregados, porém,
Nos dias em que êle falha,
Não produzem um vintém
Não deslocam uma palha!

E o Sá ao regressar,
Vendo tanta mandriice,
Principia a espumar
E com razão diz tolice!

Colegas digam-me agora,
Se êste viver não enoja;
E' bem certo:.....
.....

Lérias.



Cartas do Mondego

Quem é?

Que do público é muito qu'rida
Pois p'ra a cena tem geiteira?
A-pesar-de inda ser nova
Possue já bela *Carreira*.

E' lisa, bela e gentil,
E' atriz de finos pratos;
Há pouco foi um primor,
Lá na «Viela dos Gatos».

Xisto XIMENES.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
Aquilino Ribeiro.

Matadores: Horaciano, Rei do Orco, Fantasma Negro, Odnanref, Mário Soares, Francisco José Rodrigues, Monteiro II, Constantino Sousa Gomes, Jaime Vieira Dias, Dr. Casto.

Ela:

Uma *mignonne* estrêla pequenina,
Mas, brilha assim como se grande fôsse...
Tem o poder da luz em sua posse,
A brilhar o amor que me ilumina!...

Ela é o meu destino, a minha sina,
Que me traz a carícia assim tão doce,
Como um sôpro da brisa quando roce
A cútis da epiderme em gente fina!...

Um *biscuit* de amor... subtil perfume...
A Deusa que traduz o puro affecto
D'uma afeição tão quente como o lume!...

E' este o sonho meu d'amor selecto,
Que neste apontamento se resume,
Dando afinal motivo a êste soneto!...

Alfredo Cunha (RAZA).

Posta restante

Incício de Lanholas — Até que enfim chegou!... Já não sabemos o que pensar... E você é daqueles que faz falta.

Sá Camba — Cá está a fita. Vamos a ver o que sucederá. Do que houver daremos parte.

Lérias — Obrigado pelas boas palavras.

D. Juan — Você pode, com certeza, fazer outras coisas que não metam tanto a língua. Estas que mandou, vão-se para o diabo. Mande outras.

Francisco Silva — Agora sim. Agora será publicado.

J. Oliveira — E' boa. Mande mais coisas de outro género.

Zé da Sé — Estamos absolutamente de acôrdo. *Assinante n.º 1787* — Obrigado pela remessa. E' ótima, e cá terá o devido arranjo.

A. Ventura — Sempre e sempre, muito obrigado. Na MARIA RITA, nada se perde e tudo se grava.

Almatema — São boas. Mande mais, por a vor.

Colega MARIA RITA:

Estive na aldeia e nunca a aldeia me deixou tam gratas recordações como agora. — Porquê? — E' que nunca compreendi tam bem a *alma* da aldeia, a *alma* do campo. As árvores cobrem-se de folhagem nova, as videiras rebentam e o campo enche-se de rosas. Palavra de honra que apetecia ter um bom carro, uns milhares de contos e uma rapariga cheia de encantos e graça como tu, MARIA RITA, para viver uma vida sem preocupações na santa paz do campo.

Maria Matos, depois de nos dar um *Noivo das Caldas* em boa loiça das ditas e com *Um Conto de Reis*, picou-nos com o *Escorpião*.

Felizmente que a picada não foi dolorosa, pois, ao contrário, provocou franca hilariedade!

A tradicional árvore do ponto já se cobriu de folhagem, o que, em linguagem académica, quer dizer que os actos estão à porta. Começa a lufa-lufa das 10 e 12 horas de trabalho. Começam os suores nocturnos, as visões macabras de *chumbos*, *gatas* e *raposas* e, o que é pior, as competentes dores de barriga.

Segundo as últimas notícias, a Tobis vai finalmente produzir um filme. Desta vez sempre é certo! «A canção de Lisboa» tem revolucionado muita cabecinha gentil de gentis lisboetas que se julgam com probabilidades de triunfar no sonoro. A Tobis abriu concurso para o lugar de 10 intérpretes, concorrendo nada menos de 200 futuras Gretas Garbo.

Lá garbo nem tôdas terão... Agora Gretas não faltam, pela certa!

Li «Céus de Fogo» e mentiria se não dissesse que gostei. Apetecia viver uma temporada nessa selva, na selva que Campos Monteiro, Filho, magistralmente nos descreve. Uma selva com muitas Nahiras e Mantêtes, mas sem leões, sem *quizumbas*, etc.

Em certa vila dos Açores há, segundo consta, uma grande percentagem de maridos enganados pelas suas respectivas caras-metades.

Pois, nessa vila, sucedeu a anedota que passo a relatar: Na farmácia, centro de cavaqueira e má-língua da vila, estavam reunidos uns poucos de cavalheiros da melhor sociedade da vilória e, entre êles, o sr. X que tinha fama de marido atraídoado.

A certa altura falou-se de maridos enganados, e logo o sr. X protestou contra a passividade de todos os homens mais ou menos animais pacientes.

E gesticulando muito, de cara avermelhada pelo esforço, grita:

— Cá por mim mandava embarcar todos os homens, dos quais as respectivas consortes tivessem pregado a partidinha, levava-os para o alto mar e metia o navio no fundo!...

E logo um dos do grupo atalhando rápido:

— E você sabe nadar?

Abraça-te o

MIL REIS.

Perguntas a prémio

Sôbre as três perguntas que o nosso número 53 inseriu, com o prémio de 10 escudos ao concorrente que acertasse em cheio, recebemos nada menos do que 33 respostas.

Infelizmente, porém, só três estavam certas, porque as perguntas eram as seguintes:

1.ª *Quantas coisas são precisas para chegar com um dedo ao céu?*

Resposta — Duas: meter um dedo na bôca e chegar com êle ao céu da mesma.

2.ª *Como se consegue beber uma garrafa de cerveja sem lhe tirar a rôlha nem partir a garrafa?*

Resposta — Metendo a rôlha dentro.

3.ª *Se o J. de Artimanha estiver vivo no dia 30 do corrente, o que estará a fazer às três horas da manhã?*

Resposta — A dormir.

Adivinharam-nas os seguintes senhores: *Fulna-mor*, *Pirilau* e *Elmano Siamor*, callhando, portanto, a importância de 3\$50 Esc. a cada um, que ficam desde já à sua disposição na nossa administração.

Para
Pintar
paredes

Uso

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-t.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em
seca em 10
d u r a 10
horas
anos

Aquilo que nós sabemos

Grande Concurso Poético da MARIA RITA

Em virtude da enorme aglomeração de quadras, temos de continuar esta semana com o mesmo mote que é:

Pedi a Deus que me desse

Pedi a Deus que me desse
Um asas p'ra voar
Para assim quando eu quisesse
Em ti me poder pousar...

Sepol.

Pedi a Deus que me desse
Dinheirinho com fartura;
Deus não ouviu minha prece
Por isso ando à dependura.

Lérias.

Pedi a Deus que me desse
Inspiração, mui contristo,
P'ra fazer, caso pudesse
Uma quadra... é saíu isto!

Xicantunes.

Pedi a Deus que me desse
Nos olhos certa magia,
Para qu'eu assim pudesse,
Prender, quem me não queria.

Inês.

Pedi a Deus que me desse,
Uma linda noivazinha,
Que boas massas tivesse,
P'ra bem passar a vidinha.

Z. B.

Pedi a Deus que me desse,
Um automóvel Buic,
E dentro dele viesse,
Noiva rica, bela e chique.

Zé Barão.

Pedi a Deus que me desse
Do seu amor um pouquinho;
— Tanto o pedir entenece!...
E negou-me o seu carinho.

Amador.

Pedi a Deus que me desse
Um prazer original:
— Que minha sogra morresse
Na noite de Carnaval.

Só Darco.

Pedi a Deus que me desse
Só «Um ar da sua graça».
— Zé d'Artimunha, parece?
Que já a vende na praça.

Paga já.

Pedi a Deus que me desse
Veneno e força de cobra
Para qu'eu assim pudesse
Fazer frente à minha sogra.

Oidil.

Pedi a Deus que me desse
Um coração p'ra te amar,
Mas ao que a mim me parece
É difícil de encontrar.

(Vila Real).

Nuno Grande.

Pedi a Deus que me desse
o descanso no meu lar;
me matasse a minha sogra,
porque a não posso aturar!...

E. Rebelo.

Pedi a Deus que me desse
O condão de adivinhar
Pois assim talvez soubesse
Quem os prémios vai ganhar

Amarantino.

Pedi a Deus que me desse
Uma mulher p'ra casar
E agora faço uma prece
P'ra junto dele a levar!

Rolando Pereira da Invicta.

Pedi a Deus que me desse
P'ra companheira na vida,
Uma mulher que tivesse,
A língua pouco comprida.

Pedi a Deus que me desse,
Muita saúde e dinheiro,
E que depois me fizesse,
Da Morte testamenteiro.

Delfim de Freitas.

Pedi a Deus que me desse
Momento para te falar
E como a resposta não viesse
Vou-me com outra casar.

Francisco José Rodrigues.

Pedi a Deus que me desse
Mulher meiga, mui casta
Que lindos peitos tivesse
Como os teus, MARIA RITA.

Pedi a Deus que me desse
Um futuro invejado
P'ra que um dia pudesse
Viver bem mais descansado.

Pedi a Deus que me desse
Uma mulher bem casta
Mas qu'um bigode tivesse
Como o teu MARIA RITA.

Pedi a Deus que me desse,
Outra vez a mocidade,
E morrer, quando quisesse,
Nos braços de uma deidade.

Pedi a Deus que me desse
Uma boa companheira,
Que casasse sem int'resse
E fosse trabalhadeira.

Pedi a Deus que me desse
Um momento p'ra te ver,
Que já muito m'aborrece
Tanto ter que te escrever.

Pedi a Deus que me desse
Teu amor virgem, pequena,
Mas tive quem me dissesse
Que já não valia a pena.

(Vila Real).

Quim Grande.

Pedi a Deus que me desse
Espôsa para casar
Mas hoje já me aborrece
E vou-me divorciar.

Fantasma Negro.

Pedi a Deus que me desse
Momentos p'ra te beijar
A mim nunca me aborrece
Amor contigo falar.

Tom-Mix.

Pedi a Deus que me desse
Um, dois, três ou quatro filhos
Nunca pedido tivesse
Stou metido nuns sarilhos.

Monteiro II.

Pedi a Deus que me desse
Uma mulher a meu gosto
Deus não ouviu minha prece
Pois fez-me subir de pósto.

Mário Soares.

Pedi a Deus que me desse
Longa vida, ao meu viver,
Porque a minha alma carece
De tempo a mais p'ra te ver!...

Alfredo Cunha (Raza).

Pedi a Deus que me desse
A graça de adivinhar,
Para que eu pudesse
Um dos prémios apanhar.

Reirobi.

Pedi a Deus que me desse
A ventura de te ver,
Quem não aparece, esquece,
É eu não te quero esquecer.

T.

Pedi a Deus que me desse.
Arte para versar.
Pois que até já mal parece,
Não ter forma de acertar.

Tripeiro.

Pedi a Deus que me desse
Noivo rico e holorano
E qu'o pornil estendesse
Logo apos o casamento.

Firmina.

Pedi a Deus que me desse
Saúde e muito dinheiro,
Porém, tal não aconteça,
Tê parece um aguaceiro.

Ohtebasile.

Pedi a Deus que me desse
Uma donzela p'ra amar;
Mas houve quem me dissesse
Que ele não ma queria dar.

Sopmac Emiaj.

Pedi a Deus que me desse,
Uma mulher para amar;
Horas depois numa prece,
Stava-me a divorciar.

Seia.

Agá Lárbác.

Pedi a Deus que me desse
Licença e graças infundas
P'ra fazer o que... pudesse
A certas carinhas lindas...

(Santo Tirso).

Adriano X. Nel.



Ondulação Permanente

Peça boa em que entram seis más peças

PERSONAGENS { Lulu, o grande cabeleireiro
O conde dos Alcatruzes
O comendador Rodrigues
A mulher do cabeleireiro
A condessa dos Alcatruzes
A mulher do comendador

PRIMEIRO QUADRO

No Instituto de Beleza. Muitos espelhos, muitos perfumes, muitos aparelhos eléctricos e muito pouca vergonha. Lulu, derretido, põe os últimos bigottis na cabeça da mulher do comendador Rodrigues.

LULU, alto, todo melifluo:

Vossa Excelência verá!...
Outro Instituto não há
Como o meu, para fazer
Milagres piramidais!
Vossa Excelência vai ver
As ondas lindas, fatais,
Do seu cabelo brunido,
Do seu cabelo de fada!

(baixo ao ouvindo dela:)

A besta do teu marido
Não desconfia de nada?

A MULHER DO COMENDADOR, alto:

E' na verdade assombroso
O seu trabalho, meu caro!
E' um artista bem raro,
Sempre, sempre a progredir!

(baixo, ao ouvido d'ele:)

Não desconfia!
O tihoso
Divide as horas do dia
Entre o comer e o dormir.
Lá ficou em casa, agora,
Como um porco, a ressonar!

LULU, acabando o trabalho, alto:

'Stá pronto, minha senhora.
(revendo-se na sua obra:)
Parecem ondas do mar!...

SEGUNDO QUADRO

A CONDESSA DOS ALCATRUZES, entrando, a Lulu:

Meu caro mestre! Eu desejo

Que me faça uma lavagem
A' cabeça. Pode ser?

(baixo:)

Estás-te então a fazer
Para essa delambida?

LULU, alto:

Pois não, senhora condessa!
Lavar-lhe hei a cabeça
Agora mesmo!

(baixo, sentando-a:)

Querida!
Tu bem sabes que és só tu,
Meu amor estremecido,
A mulher por mim amada!
Que és só tu que me seduzes!

A CONDESSA, derretida:

O' meu querido Lulu!

O LULU, meiguinho:

Condessa dos Alcatruzes!

(baixo, ao ouvido dela:)

A besta do teu marido
Não desconfia de nada?

A MULHER DO COMENDADOR, que, arranjando-se a um espelho, descobriu o Conde dos Alcatruzes espegado no passeio em frente. Dando um gritinho, diz, baixo:

Ai, lá está êle parado
A' minha espera.

(falando para fora, sempre em voz baixa:)

Já vou!...

(saindo)

Adeus, artista afamado!
Quão reconhecida estou!

(sai)

TERCEIRO QUADRO

Quarto para nenhuma permanência. Em pijama, inquieto, passeia o comendador Rodrigues. A porta abre-se de repente e entra a mulher do cabeleireiro Lulu que, estafada, se atria para cima da cama.

A MULHER DO LULU:

Ai meu q'rido! Só por ti
Era capaz de arriscar
A minha reputação!
Nem sabes o que corri
Para poder escapar
A' feroz perseguição
Do conde dos Alcatruzes!

(agitada:)

Arre gaga! Cruzes! Cruzes!...

O COMENDADOR, deitando-se ao lado dela:

O conde, pouco me importa
Que ande a sair-te ao caminho.
Além de ser uma porta,
E' teu velho conhecido;
Pode andar-te na peugada.

(já debaixo dos lençóis:)

Mas diz-me, meu amorzinho:
A besta do teu marido
Não desconfia de nada?

Doutor KNOX.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A hilariante comédia
O homem das calças pardas.

Rivolt: Os filmes *Três homens de casaca* e *Um homem da lei.*

Olimpia: O empolgante filme *Vingança de Aguias.*

Trindade: A super-opereta *Ama-me esta noite.*

Batalha: Os filmes *O mistério do avião correio* e *Viagem de núpcias.*

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11—PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00

SÓ

ESC. 1

1000000\$
POR UM AUTÊNTICO E GENUÍNO...

ATWATER KENT

O RÁDIO DE VOZ DE OIRO



- MODELO 155 -
SUPERHETERODINO
5 VALVULAS

ELECTRONIA, L^{DA}

Praca da Batalha, 119. Telef. 5800 - PÓRTO